

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS - 01



A TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL E A ARTE: DIALOGANDO SOBRE REALIDADES FEMININAS

Gleiciane Teles Cardoso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3868-1874>.

E-mail: gleicianeteles2mil@gmail.com.

Niágara Vieira Soares Cunha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1908-7997>.

E-mail: niagara_vieira@uvanet.br.

Resumo: O objetivo deste estudo é elucidar a percepção das mulheres participantes do Projeto Cine-Poesia sobre a Teoria da Reprodução Social. Usamos o materialismo histórico-dialético como referencial teórico-metodológico da pesquisa e o tipo de análise categorial qualitativa. O estudo foi formado por mulheres que tiveram acesso à pesquisa através das redes sociais. Concluiu-se que elas assimilaram que a Teoria da Reprodução Social debate o que é instituído como papel da mulher na sociabilidade capitalista e discute a reprodução da força de trabalho, que é colocada sobre a responsabilidade da mulher, gerando um processo de opressão e exploração feminina.

Palavras-chave: Teoria da Reprodução Social. Gênero. Mulher.

THE THEORY OF SOCIAL REPRODUCTION AND ART: DIALOGUING ABOUT WOMEN'S REALITIES

Abstract: The objective of this study is to elucidate the perception of the women participants in the Cine-Poetry Project, about the Social Reproduction Theory. We used historical-dialectical materialism as the theoretical-methodological referential of the research and the qualitative categorial analysis type. The study was made up of women who had access to the research through social networks. It is concluded that women assimilated that the Theory of Social Reproduction discusses what is instituted as a woman's role in capitalist sociability and discusses the reproduction of labor power, which is placed on the responsibility of women, generating a process of oppression and female exploitation.

Keywords: Theory of Social Reproduction. Gender. Woman.

Introdução

A atual pesquisa ocorreu a partir de um projeto mais amplo denominado Cine-Poesia: a mulher trabalhadora na sociabilidade do capital. O projeto possuía como objeto de pesquisa a relação entre a arte e a formação humana, particularmente, a literatura e o cinema como elementos de contraponto ao processo de exploração da mulher no contexto de trabalho na organização capitalista e aconteceu de forma *on line*, via *Google Meet*, com reuniões audiogravadas.

O Cine-Poesia, portanto, desdobrou-se, como atividade extensionista e, para aquelas que desejaram de forma volitiva, se caracterizou, também, como atividade de pesquisa. Todas as ações foram executadas de forma compartilhada e em parceria entre duas universidades estaduais no Ceará, a saber, com o Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e o Núcleo de Psicologia Social e do Trabalho (NUSOL), ambos localizados na Universidade Estadual do Ceará (UECE), e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero, Raça, Classe e Sexualidade (GERCLASSE), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

O projeto consolidou um desenvolvimento de saberes de naturezas diversas, fomentando, nas universidades, momentos de troca e acumulação de conhecimento, a fim de que este engendrasses espaços criativos cujas atividades apontavam para além da mera reprodução do que está posto.

Durante sua vigência aconteceram encontros formativos em que através de leituras de livros, artigos, poesias e filmes, as mulheres conheciam a temática proposta, uma delas, em específico, a Teoria da Reprodução Social. O estudo acerca da Teoria da Reprodução Social traz para discussão assuntos que antes eram analisados de formas compartimentalizadas, como opressão de gênero, exploração da mulher, subjugação do gênero feminino, classe social, raça e sexualidade.

Destarte, a Teoria da Reprodução Social traz para o centro do debate os processos de produção e reprodução da força de trabalho, investigando e explicando como eles servem para a manutenção de opressões e do sistema político-econômico contemporâneo. Tithi Bhattacharya (2019), em artigo no periódico *Socialist Worker*, expõe que a força de trabalho é reproduzida por três modos interconectados.

O primeiro modo é realizado por meio de sua regeneração fora do campo laboral, isto é, como o trabalhador faz para ter acesso à comida, higiene, vestimentas, lazer, descanso, entre

outros. O segundo, se refere às atividades que regeneram os não-trabalhadores, sejam eles futuros ou antigos trabalhadores, isto é, crianças, adultos que estão fora do espaço de trabalho por questões de deficiência, idade avançada ou desemprego. E, por fim, o terceiro processo, que se dá através da reprodução de futuros trabalhadores, isto significa, a gravidez.

Destaca-se, assim, o que Bhattacharya (2019) elucida sobre esses três modos de manutenção da produção e reprodução da força do trabalhador, para que este possa se manter dia a dia no campo laboral. Todavia, as atividades que permitem a regeneração e “[...] que formam a própria base do capitalismo já que reproduzem o trabalhador, são feitas sem cobrança nenhuma para o sistema pelas mulheres e homens dentro do lar e na comunidade” (p. 103).

Além do mais, evidencia que o processo de exploração e opressão do gênero feminino é benéfico para o sistema capitalista do ponto de vista que não há custeio no exercício das atividades de produção, reprodução e regeneração da força de trabalho, na medida em que são realizadas pelas mulheres, fora do ambiente de trabalho e sem nenhum tipo de remuneração.

Diante dessa problematização, como processo de formação, as mulheres participantes do Cine-poesia trouxeram suas próprias concepções acerca da Teoria da Reprodução Social nos espaços formativos, que foram munidos de arte, literatura e produção científica para a compreensão das diversas opressões vivenciadas por elas e outras mulheres.

A partir de tal contexto, a presente pesquisa possui como objeto de estudo a percepção das mulheres do projeto Cine-poesia em relação à Teoria da Reprodução Social. Procedemos com o objetivo de elucidar como elas assimilaram a referida teoria, utilizando como ferramenta a arte e os processos formativos, no intuito de pôr em evidência a maneira que elas veem suas próprias realidades e de outras, baseadas nos estudos acerca da Teoria e, assim, traçando suas percepções sobre cada uma delas.

Deste modo, pode-se complementar o raciocínio, expondo a relevância deste estudo, no entendimento de que o “[...] capitalismo como um sistema integrado, no qual a produção é sustentada pela reprodução social, pode ajudar as lutadoras e lutadores a entender a importância das lutas políticas em ambas as esferas e a necessidade de unificá-las” no intuito, de desvelar a dinâmica, expô-la e contestá-la (BHATTACHARYA, 2019, p. 110).

Isto posto, a pesquisa pode contribuir com a possibilidade de vir transparecer as implicações da base operacional da reprodução social no capitalismo na vida das mulheres e a

repercussão social, histórica e cultural na prática social, ao investigar as formas que elas assimilaram a referida teoria.

Metodologia

Delimitamos o materialismo histórico-dialético como referencial teórico-metodológico de nossa pesquisa. O método “implica, pois, para Marx, uma determinada posição (perspectiva) do sujeito que pesquisa: aquela em que se põe o pesquisador para, na sua relação com o objeto, extrair dele as suas múltiplas determinações” (PAULO NETTO, 2011, p. 53).

Buscando manter a coerência com o referencial teórico-metodológico delimitado, a fase de estudo bibliográfico foi o primeiro momento de investigação, correspondente a uma apropriação reflexiva do objeto.

Reconhecemos esse passo como inicial para uma consistente fundamentação teórica a respeito do tema em questão, utilizando-se das elaborações científicas como: *Feminismo para os 99%: um manifesto*, de Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) e *Teoria da Reprodução Social e Crítica Marxista ao Direito: uma análise teórica sobre o aumento global da criminalização de mulheres no neoliberalismo*, de Lucely Ginami Bordon (2022).

Assim, o objeto nos conduz, a partir da percepção dada pelo método, para a pesquisa colaborativa, que auxiliou na identificação dos diversos determinantes, em seu movimento complexo e contraditório. Destaca-se o fato de que os dados analisados nesta pesquisa são provenientes do projeto Cine-Poesia, que ao seu término gerou dados passíveis de análises e outras pesquisas. A pesquisa colaborativa, para Ibiapina e Ferreira (2007, p. 15), envolve “colaboração e reflexão crítica como procedimentos que articulam pesquisa e formação na mudança da escola, bem como da sociedade”.

As participantes tiveram acesso ao Cine-Poesia, e, conseqüentemente, a essa pesquisa, por meio de divulgação na página de eventos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e no instagram do GERCLASSE. Elas puderam se inscrever de forma volitiva em um espaço formativo com extensão e pesquisa vinculadas. O público foi formado por uma maioria de mulheres, docentes e discentes do ensino superior e/ou ensino básico de diversas localidades do Brasil, pois tinha a perspectiva de formação para mulheres inseridas no campo educacional. Os homens que demonstraram interesse em participar também foram aceitos. Como critério de exclusão, tivemos mulheres e homens que não se interessaram pela proposta específica do

estudo, além de crianças. Ao final, obtivemos um total de 48 mulheres e 02 homens que compuseram a extensão, mas destas, apenas 31 mulheres aceitaram participar¹ também da pesquisa.

Após essa etapa de inscrição, efetivamos uma agenda de atividades formativas com encontros realizados de maio a novembro de 2021, via *Google Meet*. Para atendimento do objeto de pesquisa e em consonância com o método, elegemos a Pesquisa Colaborativa para dirigir as etapas da pesquisa formativa.

Vale ressaltar, que os 50 inscritos participaram de todos os encontros formativos, mas apenas 31 mulheres aceitaram participar da pesquisa. Assim, estas foram responsáveis por responder aos dois roteiros que geraram dados para a execução desta pesquisa. O conteúdo dos roteiros e a organização dos grupos são detalhados ainda nesta seção.

Passemos neste momento, para a sistematização da proposta seguindo os pressupostos da pesquisa colaborativa por meio dos estudos de Ibiapina (2016).

A primeira atividade foi nomeada de encontro colaborativo, que se caracterizou como o momento de apresentação da pesquisa formativa que evidenciaria uma atividade extensionista ao mesmo ponto que produziríamos dados com as participantes que assinaram o TCLE. Cada etapa, tinha a duração de 1h e foi munida por roteiros que nos permitiram consolidar as informações. Aqui, disponibilizou-se o primeiro roteiro, o de caracterização do perfil das participantes, que continha questões referentes aos dados pessoais e ao conhecimento sobre o objeto de pesquisa, sendo, dessa forma, respondido individualmente.

Definiu-se a problematização como segunda atividade, organizada em dois encontros, a qual propiciou um espaço de debate com os principais conceitos que conduziram ao entendimento da Teoria da Reprodução Social, vinculada a opressões de mulheres. Os estudos foram voltados para o capítulo 1 do livro *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres* (2019), de Gerda Lerner, e a apresentação do livro *Mitos da dominação masculina: uma coletânea de artigos sobre as mulheres numa perspectiva transcultural* (2019), com o texto “Eleanor Burke Leacock: o comunismo primitivo e a história autêntica que precedeu a pré-história da humanidade”, escrito por Susana Vasconcelos Jimenez.

¹ Após o momento de inscrição, cada participante que se submeteu, também, à pesquisa recebeu pelo e-mail cadastrado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelo qual teve acesso à pesquisa, e o assinou autorizando sua participação.

As sessões reflexivas seguiram como terceira atividade, desenvolvida em três encontros que objetivaram discutir os desdobramentos conceituais que iriam alicerçar a compreensão da Teoria da Reprodução Social e a Opressão de Mulheres juntamente com a arte. Nestes encontros os materiais artísticos estudados foram os filmes: *A vida invisível* (2019), *Histórias Cruzadas* (2012) e *Pacarrete* (2020), subsidiados pelas poesias e contos de Conceição Evaristo em *Poemas e recordações e outros movimentos* (2017) e *Olhos D'água* (2016), como também, Carolina Maria de Jesus com *Quarto de despejo: memória de uma favelada* (2014).

Por último, realizamos a reunião discursiva, que provocou inúmeras enunciações e avaliações da pesquisa colaborativa com perspectivas de transformação social. Vamos a compreensão dos roteiros.

O roteiro 1 foi distribuído para as participantes que aceitaram de forma volitiva participar da pesquisa, no encontro colaborativo, e respondidos de forma individual a fim caracterizar seu perfil e auxiliar no processo de identificar o que compreendiam sobre a Teoria da Reprodução Social e a Opressão de Mulheres. O tratamento dos dados, do roteiro 1, foi organizado a partir de nomes fictícios para apresentar as enunciações das mulheres envolvidas na pesquisa.

As informações solicitadas no instrumento foram os dados pessoais, além destas 3 perguntas: “O que você entende sobre Teoria da Reprodução Social e a Opressão de Mulheres? E qual a importância, para você, de nós trabalharmos essa temática através da arte?” e “Você tem disposição para participar da formação e da pesquisa que realizaremos nos encontros que serão organizados por todo o coletivo neste ano de 2021?”.

Para responder ao segundo roteiro, as 31 participantes da pesquisa, foram organizadas em 7 grupos (G1, G2, G3, G4, G5, G6 e G7), sendo que o G1 e G2 foram compostos cada um por 4 mulheres, o G3 por 5 integrantes, o G4 por 9, o G5 por 2, G6 por 3 e o G7 por 4 mulheres. Os grupos se reuniram, em salas diferentes do *Google Meet*, ao final de todo o processo formativo para responder ao roteiro 2. As respostas a esse roteiro se deram após discussão ampla de cada grupo; ao final, elaboraram, consensualmente, um texto referente aos temas abordados nas sessões reflexivas. Essas reuniões foram gravadas a fim de embasar a produção de dados e transcritas.

O roteiro 2 objetivou investigar como as participantes compreenderam os temas abordados, após os encontros formativos, definindo conceitualmente a temática da Teoria da Reprodução Social a partir das discussões realizadas e sua relevância.

Ainda no que diz respeito ao roteiro 2, selecionamos as percepções dos grupos 1, 2, 4, 6 e 7 com relação à teoria em estudo. Com base nessas percepções e nas fundamentações científicas estudadas, cada coletivo expôs a compreensão que adquiriu no processo formativo acerca da Teoria da Reprodução Social e a Opressão de Mulheres.

Assim, podemos explicitar que, desde os momentos iniciais, de problematizações e das sessões reflexivas, nas quais trabalhou-se os temas patriarcado e sua origem e a Teoria da Reprodução Social, as participantes contribuíram com suas próprias concepções e relatos das suas experiências ao responder dois roteiros, trazendo para análise, de que forma elas compreendiam a Teoria da Reprodução Social e como ela era evidenciada no modo de produção e reprodução de suas vidas.

Destarte, faremos uma análise categorial qualitativa e teórica acerca dos depoimentos das mulheres, que demonstraram de sua forma a concepção sobre a Teoria da Reprodução Social. Entendemos que o termo categoria está ligado a classificação ou a um agrupamento de elementos que são organizados pelo pesquisador (OLIVEIRA, 2010).

Com relação aos aspectos éticos e legais da pesquisa, foram respeitados os princípios bioéticos fundamentais: autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça. Obedecido o que preconiza a Resolução n. 466/12 (BRASIL, 2012) e as orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual de 24 de fevereiro de 2021, ambas do Conselho Nacional de Saúde. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) emitiu parecer com a aprovação do projeto e autorização para execução da pesquisa, cujo número do parecer é 4.636.161.

Os riscos que cercaram essa pesquisa foram mínimos, como a possibilidade de gerar nos participantes algum desconforto, estresse e desconfiança de quebra de sigilo em participar das sessões. Todavia, a fim de minimizar ou acabar com esses riscos, ocorreu a codificação dos dados produzidos por cada participante para manter o sigilo deles, para tal, escolhemos nomes de origens indígenas e africanos para representar cada participante e garantir o anonimato. Além do mais, estará assegurada a confidencialidade e a privacidade, garantindo a não utilização das informações em prejuízo da integridade das pessoas.

A Teoria da Reprodução Social

A engrenagem que sustenta o capitalismo, na forma de trabalho assalariado e produção de bens para o consumo, é possibilitada por meio da reprodução social, sendo suas bases de sustentação as famílias, as comunidades, a extração da natureza, projetos sociais de lazer, atendimentos à saúde, entre outros. Nesse cenário, mulheres sustentam, em sua maioria, a hierarquia de cada base citada no que corresponde a execução de tarefas que permite a regeneração da força de trabalho.

Destarte, as mulheres, em sua condição de vida e trabalho, sofrem os reveses da sociabilidade do capital, assentando-se sobre elas a subalternidade. Cabe, no contexto da formação, o contraponto tanto ao discurso quanto a uma prática que potencialize tal processo.

As mulheres se destacam em um cenário de trabalho excessivo, visto que muitas desempenham trabalhos remunerados e não remunerados nos três turnos do dia. A sobrecarga do trabalho doméstico pode encontrar a raiz do seu problema na compreensão da Teoria da Reprodução Social, esta renovada por feministas marxistas, a partir dos esforços de retomar conceitos expressos por Karl Marx, principalmente, no *O Capital - livro I*.

Para compreender a relação das múltiplas jornadas com o grande capital precisamos destacar que a Reprodução Social se estabelece a partir da manutenção e da reprodução da vida em nível diário e operacional. Então, qual a sua relação com o sistema socioeconômico atual?

Passemos a apreender alguns elementos necessários para o desenvolvimento dessa problemática, como alguns conceitos básicos abordados por Marx (2013) no livro *O Capital* que trataremos à priori: força de trabalho, o/a trabalhador/a e o capitalista. A força de trabalho é desempenhada apenas pelo/a trabalhador/a, o/a qual se submete em uma relação de venda desta força, já que é o único bem que possui. Já o capitalista se apropria desta força de trabalho para geração de valor, de lucro.

O que precisamos confrontar neste momento é que o que produz a classe na sociedade capitalista não são apenas as relações que diretamente exploram a mão de obra, mas também as que a geram e a repõem, e essas, ocorrem fora do processo de produção (ARRUZZA *et al.*, 2019). Há uma energia excessiva retirada do trabalhador que deve ser repostada cotidianamente para que a produção não pare. Diante disso, quem realiza essa regeneração da força de trabalho?

Os capitalistas não assumem as tarefas de manutenção da vida dos trabalhadores, os principais afazeres são desenvolvidos no âmbito familiar e em sua extrema maioria, por

mulheres. É estabelecido, então, um encadeamento entre múltiplas jornadas de trabalho, opressão que as mulheres vivenciam e o grande capital. E isto pode ser compreendido a partir da Teoria da Reprodução Social. Como Bhattacharya (2019, p. 103), em seu artigo publicado no *Socialist Worker*, dizia:

A teoria da reprodução social mostra como a “produção de bens e serviços e a produção da vida são partes de um processo integrado” [...]. Se a economia formal é o local da produção de bens e serviços, as pessoas que produzem tais coisas se produzem a si mesmas fora do âmbito da economia formal a um custo muito baixo para o capital.

É benéfico para o sistema do capital que a produção e a reprodução da força de trabalho e de trabalhadores aconteçam dentro dos lares, sem nenhum tipo de custeio. Como explica Bordon (2022, p. 11):

[...] a Teoria da Reprodução Social compreende que a reprodução social é tão necessária para a sobrevivência do capitalismo quanto a esfera da produção social. O capitalismo não se sustenta apenas pela acumulação de capital pela produção de mercadorias, mas também pela produção de pessoas, pelas relações de reprodução da força de trabalho que existem fora da esfera da produção de mercadorias e acumulação direta de mais valia.

Com o advento do neoliberalismo e o aprofundamento das crises geradas pelo capitalismo, as mulheres passaram a acumular uma carga horária de trabalho excessiva por assumir mais funções fora do espaço familiar, ao mesmo passo que não se distanciaram das atribuições domésticas. Isso tudo sob as condições de um sistema econômico que impulsiona cada vez mais para uma diminuição do suporte estatal à assistência social, levando famílias, comunidades e, acima de tudo, mulheres aos seus limites, conduzindo-as à destruição de suas capacidades de existência (ARRUZZA *et al.*, 2019).

A vinculação de atributos da feminilidade às funções de trabalho doméstico marca a vida de mulheres há séculos. Acrescenta-se a isso a responsabilização da figura feminina ao trabalho relacionado ao cuidado, reforçando uma ideia de que as mulheres são naturalmente dotadas de atributos como delicadeza, emoção, passividade e instinto maternal. Essas características as colocam na condição da reprodução social, exercendo funções ligadas ao cuidado com o outro como principal atividade.

Essa discussão já é pauta de movimentos feministas desde a década de 1920, quando feministas reconheceram que o capitalismo necessitava do trabalho reprodutivo não remunerado para manutenção da força de trabalho, sendo boa parte deste trabalho atribuído às

mulheres com o cuidado (alimentação, apoio psíquico, higiene, saúde de maneira geral, etc.) e manutenção das vidas dos trabalhadores (FEDERICI, 2019).

Assim sendo, entende-se que a Teoria da Reprodução Social vem para debater o que é instituído como papel da mulher na sociabilidade capitalista e levantar a questão da produção e reprodução da força de trabalho, que, na forma atual de organização social e econômica, é, indubitavelmente, colocada sobre a responsabilidade da mulher, sem nenhum tipo de remuneração, causando ainda um processo de opressão e exploração.

Ou seja, a mulher gesta, cria, cuida, providencia alimento, higiene e roupas, oferece apoio, promove saúde, em detrimento da própria, estabelece uma família, ao mesmo tempo que cuida de muitas outras e isso não gera nenhum tipo de custeio para o capital e sim, intencionalmente, favorece-o, visto que tudo isso propicia o restabelecimento do trabalhador, especificamente da força de trabalho, para que continue a produzir.

Examinado este fenômeno, pôde-se compreender a problemática que foi apresentada às mulheres docentes e discentes que fizeram parte do Projeto Cine-Poesia, já retratado anteriormente. No decorrer do processo formativo, as mulheres demonstraram suas próprias concepções acerca da Teoria da Reprodução Social, tomando como base as discussões, as próprias experiências e de mulheres conhecidas, dentre elas, trabalhadoras domésticas. Vejamos na seção, a seguir.

Reflexão das manifestações

Considerada a proposta de analisar a percepção das mulheres do projeto Cine-Poesia acerca da Teoria da Reprodução Social (TRS), elencou-se as categorias: gênero e patriarcado, trabalho doméstico e papéis sociais, baseadas nos discursos das mulheres nos momentos de formação, nas respostas dos roteiros e nas transcrições das falas das participantes, alicerçadas no que a literatura científica aborda sobre a teoria explanada anteriormente.

Ao responder os roteiros 1 e 2, no decorrer dos momentos do projeto, as mulheres demonstravam em suas falas uma correlação entre gênero e patriarcado, evidenciando, na maioria das vezes, o processo de exploração do primeiro pelo segundo. Em relação ao roteiro 1, utilizaremos, na análise das categorias, as enunciações de Luane e Zaila, nomes fictícios que correspondem a duas participantes da pesquisa.

Gênero e patriarcado

Os conceitos de gênero e patriarcado perpassam o desenvolvimento histórico social. Nessa categoria, partiremos, primeiramente, do entendimento do grupo 7 ao responder o roteiro 2, de forma coletiva. Manifestam, em concordância, o que já se sabe sobre a Teoria da Reprodução Social, trazendo expressões próprias para expressar a definição de patriarcado e porque é benéfico para a organização social como está posta.

Observa-se:

Patriarcado e capitalismo, os dois se complementam sobre a organização da sociedade atual e favorecem para essa exploração que temos na nossa atualidade. Patriarcado origina desde o início dominação e exploração (GRUPO 7).

A cultura sendo patriarcal é muito benéfica para o capital, porque quando as mulheres se colocam como submissas, retraídas, acham que não pode estar em determinado cargo, sem se questionar de toda a formação que já foi dada desde o nascimento (GRUPO 7).

O grupo 7 ainda complementa dizendo que: “percebemos como a relação de gênero e sexo é tudo construído a partir da cultura, do social”. Em suma, entender que o patriarcado se define pela dominação dos homens sobre as mulheres, significa dizer que ele está enraizado desde a constituição da família ao campo do trabalho, na área social e na mídia, ou seja, concebe a dinâmica social como um todo, implantado na cultura e no cotidiano das pessoas (SILVA, 2019).

Arruzza (2015), ao discutir sobre capitalismo, patriarcado e gênero, traz à tona três grandes teorias: a teoria dos sistemas duplos ou triplos (que explica uma relação de sistemas autônomos, como patriarcado e capitalismo), capitalismo indiferente (diz que as relações de desigualdade de gênero e patriarcado existem antes do capitalismo e o sistema econômico posto em questão se utiliza do que convém) e a teoria unitária, que segundo a feminista marxista, é a que ela mais simpatiza:

Os proponentes da teoria unitária discordam da ideia de que o patriarcado seria hoje um sistema de regras e mecanismos que autonomamente se reproduzem. Ao mesmo tempo, insistem na necessidade de considerar o capitalismo não como um conjunto de leis puramente econômicas, mas antes como uma complexa e articulada ordem social, uma ordem que tem seu núcleo constituído de relações de exploração, dominação e alienação (ARRUZZA, 2015, p. 37).

Os relatos seguintes ampliam essa compreensão e ressaltam o debate da raiz social e histórica do surgimento de uma sociedade patriarcal e definem patriarcado como: “dominação

das mulheres por parte dos homens; hierarquia patriarcal; opressão baseada em supostas diferenças biológicas” (GRUPO 6); “[...] um processo, um produto, é uma construção de um processo histórico, processo cultural e social e que devido ser um processo histórico é através de outro processo histórico que a gente pode mudar isso” (Zaila).

Em consonância com o exposto acima, Gerda Lerner (2019), em seu livro *A Criação do Patriarcado*, faz um passeio pela história do surgimento do modelo de sociedade patriarcalista. Ela traz para debate as teorias que defendem a submissão das mulheres aos homens e critica desde a teoria biologicista, que argumenta que as diferenças biológicas da mulher e do homem permitem que haja essa dominação de um pelo outro, às teorias tradicionalistas, alicerçadas em bases religiosas e naturais, de forma sintética, dizendo que a mulher precisa servir ao homem e ser fiel a ele, exercendo, entre muitos, o trabalho doméstico. Porém, Lerner (2019, p. 59) julga que:

[...] os tradicionalistas esperam que as mulheres tenham os mesmos papéis e ocupações que eram funcionais e essenciais à espécie no Período Neolítico. Aceitam as mudanças culturais pelas quais os homens se libertaram da necessidade biológica. A substituição do trabalho físico pelo trabalho de máquinas é considerada progresso; apenas as mulheres, sob o ponto de vista deles, estão condenadas pela eternidade a servir à espécie por meio de sua biologia.

Aceitar essa concepção é destinar mais da metade da população humana a uma existência inferior e à condição de submissão eterna (LERNER, 2019). No entanto, sabe-se que pelo fato de o patriarcalismo ter se instituído através de um processo histórico, seria através de um percurso histórico e revolucionário que esta condição seria mudada.

Arruza *et al.* (2019) corroboram com essa perspectiva. Durante o tempo em que o neoliberalismo restaura a opressão de gênero, a única saída para garantir os direitos e conquistar novos seria transformar o sistema social, que esconde os direitos das mulheres e de todas as pessoas que não se encaixam dentro do padrão esperado de gênero.

Em síntese, vimos que houve uma apropriação reflexiva e crítica, por parte das mulheres, do que foi posto nos encontros de formação sobre o estudo da Teoria de Reprodução Social e do patriarcado, embasados nas teóricas feministas marxistas Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (2019).

Trabalho doméstico e papéis sociais do gênero feminino

Neste momento, faremos uma exposição dos discursos sobre a compreensão das participantes sobre Teoria da Reprodução Social no que tange a associação do papel social do gênero feminino com o trabalho doméstico.

Luane manifesta:

A teoria da Reprodução Social conclama a exploração-dominação-opressão da mulher como projeto que sustenta o funcionamento das sociedades. Existe uma grande massa de trabalho realizada pelo grupo social mulheres, que é invisibilizada, desprestigiada ou mal paga sob o véu do amor e da suposta natureza feminina, como o trabalho doméstico remunerado ou não remunerado, que garante a perpetuação da mão-de-obra, movimenta o comércio e beneficia o acúmulo de capital. (LUANE).

Já o grupo 1 trouxe à tona os estereótipos sociais que recaem sobre o gênero feminino quando relata que a sociedade institui a “mulher com o papel de cuidadora”, que existe o “controle da sexualidade feminina” e “a mulher acaba sendo cativa para ser cuidadora, baseado em sexo frágil, delicadeza bondade, doce”. O grupo 4 vai na mesma vertente quando enfatiza:

[...] a mulher como objeto de reprodução; Vontade sexual do homem como aquela que prevalece; Mulher vista como pecadora pela religião. Padrão de feminilidade; Preconceitos velados por uma moral cristã; Mulheres enquanto categoria performativa; Casamento da mulher sendo uma posse; Homens não ajudam nos afazeres domésticos (GRUPO 4).

O grupo 2 resume as temáticas trabalhadas em sentenças como: “imposição, escravização de tarefas domésticas para as mulheres; Dominação dos homens sobre o corpo das mulheres; obrigatoriedade sobre gerar e criar os filhos e cuidar da casa”.

Essa visão corrobora o que Arruzza (2015) destaca sobre o trabalho de cuidado, feito em específico dentro da família, por mulheres e ressalta que:

As relações de opressão e dominação de gênero determinam o modo e a escala nos quais a carga de trabalho será distribuída, dando lugar a uma divisão desigual: mulheres trabalham mais, enquanto homens trabalham menos. Mas não há nenhuma apropriação de um “excedente” (ARRUZZA, 2015, p. 42).

As mulheres, portanto, tomam como base o trabalho doméstico não-remunerado e os papéis sociais impostos ao gênero feminino para compreender a Teoria da Reprodução Social, que, resumidamente, explica as relações de produção, reprodução dos trabalhadores e da força de trabalho, que, no modelo econômico e social vigente, é feita por mulheres.

O trabalho doméstico é assunto polêmico dentro dos debates feministas, principalmente entre as marxistas. Por exemplo, Silva Federici (2019) discorre, em sua obra *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*, a problematização do trabalho doméstico, com enfoque no debate da assalarição desse trabalho e na luta feminista. Ela expõe que: “nossa luta por serviços sociais, isto é, por melhores condições de trabalho, será sempre frustrada se nós não estabelecermos primeiramente que o nosso trabalho é trabalho” (FEDERICI, 2019, p. 49).

Nesta passagem, podemos refletir que, socialmente, o trabalho doméstico é tido como uma atividade que desde os primórdios da humanidade existe e que deve ser realizada pela mulher, na condição de cuidadora, protetora e genitora do lar e da família, instaurando uma ideia romântica da exploração da mulher e dificultando a luta pela mudança deste cenário.

Os estudos sobre o trabalho doméstico envolvem muitos outros assuntos que nos levam a debater a Teoria da Reprodução Social, como a sexualidade do gênero feminino e a objetificação do corpo e da vida da mulher. Neste sentido, Federici problematiza quando relata que a subordinação da sexualidade da mulher à reprodução da força de trabalho implica que a heterossexualidade é imposta como o único comportamento sexual aceitável. E isso gera tanto a violência contra as mulheres, quanto a todas as pessoas que não se veem adeptas a esse modelo heteronormativo (FEDERICI, 2019).

As discussões acerca de gênero, patriarcado, feminismo e a teoria da reprodução social englobam argumentações muito mais profundas do que as apresentadas nesses capítulos. Todavia, durante e após os momentos de formação do Cine-Poesia, felizmente, notou-se que as integrantes possuíam uma visão ampla e reflexiva sobre os temas debatidos, contribuindo mutuamente para o processo de aprendizagem.

Considerações finais

A produção de dados que foi desvelada no processo desta pesquisa permitiu identificar as manifestações que o sistema capitalista desempenha, para a sua perpetuação, ao utilizar da reprodução social para a manutenção da força de trabalho e os impactos sentidos no âmbito da Opressão de Mulheres. Além disso, contribuiu para a produção científica dentro desta temática, visto a escassez de publicações e de materiais publicados sobre o tema.

Conclui-se que a percepção das mulheres, após os momentos de formação sobre a Teoria da Reprodução Social e patriarcado, evidenciou que elas possuíam uma compreensão crítica da realidade, estruturada no modelo de organização patriarcal e capitalista. Um cenário que denota impactos desde a esfera da produção da força de trabalho ao cotidiano das mulheres, impregnado por processos de opressão, violência e exploração.

Diante disso, através desse processo formativo, as mulheres passaram a olhar as questões sociais de forma mais criteriosa e reflexiva, levando para seu campo de estudo e de trabalho a possibilidade de pensar sobre essas questões e de desencadear outras produções científicas.

Portanto, a pesquisa vem para contribuir para uma formação interdisciplinar que possibilite uma análise crítica acerca da relação entre gênero e sociabilidade. Além de colaborar com a formação acadêmica/profissional de docentes e discentes, mulheres, participantes da pesquisa, apontando para seu fortalecimento, bem como da humanidade em sua integralidade considerando a desigualdade a qual se contrapõe.

Referências

A VIDA INVISÍVEL. Direção de Karim Aïnouz. Produção Brasil-Alemanha. Rio de Janeiro: Sony Pictures e Vitrine Filmes, 2019. Acesso através da globoplay.

ARRUZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, n. 23, p. 33-58, jan./jun. 2015.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

BHATTACHARYA, T. O que é a teoria da reprodução social? **Revista Outubro**, n. 32, p. 99-113, jan./jun. 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 dez. 2012.

BORDON, L. G. **Teoria da Reprodução Social e Crítica Marxista ao Direito**: uma análise teórica sobre o aumento global da criminalização de mulheres no neoliberalismo. 2021. 140 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

EVARISTO, C. **Olhos D'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Palhas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

HISTÓRIAS CRUZADAS. Direção de Tate Taylor. Produção: Chris Columbus. Estados Unidos: DreamWorks, 2012. Acesso através da Google play.

IBIAPINA, I. M. L. de M.; FERREIRA, M. S. A trama de pesquisar e formar em colaboração. In: IBIAPINA, I. M. L. de M. (Org.). **Formação de professores: texto e contexto**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

IBIAPINA, I. M. L. de M.; BANDEIRA, H. M. M.; ARAÚJO, F. A. M. (Org.). **Pesquisa Colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. Teresina, PI: EDUFPI, 2016.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LEACOCK, E. B. **Mitos da dominação masculina: uma coletânea de artigos sobre as mulheres numa perspectiva transcultural**. Tradução de Susana Vasconcelos Jimenez. São Paulo: Instituto Lukács, 2019.

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PACARRETE. Direção de Allan Deberton. Produção: César Teixeira. Brasil: Deberton Filmes, 2020. Acesso através da Amazon Prime.

PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SILVA, B. C. S. L. **Patriarcado e teoria política feminista: possibilidades na ciência política**. Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

Recebido em: 17/01/2023.

Aceito em: 23/12/2023.